

O lado avesso da extensão: universidade e sociedade (quem é o outro da relação?). Por uma pesquisa-*intensão*

The reverse side of the extension: university and society (who is the other of this relationship?). For une research-*intension*

El reverso de la extensión: universidad y sociedad (¿quién es el otro de la relación?) Por una investigación-intensión

Fernanda Fontana Streppel

Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), Chapecó, SC, Brasil.

Analice de Lima Palombini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo

Este artigo pretende discutir a articulação entre universidade e sociedade, levando a problemática da alteridade ao centro da análise. Parte da experiência do Coletivo de Rádio Potência Mental, como campo de pesquisa, extensão e estágio vinculados ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para debater algumas de suas funções na construção do conhecimento, na contribuição à sociedade e na formação profissional em saúde mental, especialmente do psicólogo. Procura pensar o lugar de alteridade ocupado pelo Coletivo na relação universidade-sociedade, terminando por atentar para a estratégia que o encontro com o *fora* da academia opera como potência da produção de alteridade em si mesma.

Palavras-chave: Universidade; Psicologia; Pesquisa; Extensão; Ensino.

Abstract

This article examines the relation between the university, psychology and society, while bringing the problem of alterity to the center of the analysis. The Potência Mental (Mental Power) Radio Collective is our field of research and the site of our experiences, as well as the location for extension courses and internships linked to the Psychology Institute of the Federal University of Rio Grande do Sul. We discuss the Institute's function in the construction of scientific knowledge, its contribution to society and the training of mental health professionals—psychologists, specifically. The paper aims to think the place of Otherness occupied by the Collective within the university-society relationship, and focuses

attention on the strategy that the encounter with the *outside* of the academy operates as the power of production of Otherness in itself.

Keywords: University; Psychology; Research; Extension; Education.

Resumen

Este artículo pretende discutir la articulación entre universidad y sociedad, poniendo la problemática de la alteridad en el centro del análisis. Parte de la experiencia del Colectivo Radio Potencia Mental como campo de investigación, extensión y pasantía vinculados al Instituto de Psicología de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, para debatir algunas de sus funciones en la construcción de conocimiento, la contribución a la sociedad y en la formación profesional en salud mental, especialmente del psicólogo. Busca pensar el lugar de la alteridad ocupado por el Colectivo en la relación universidad-sociedad, terminando por considerar que la estrategia del encuentro con el *afuera* de la academia opera como potencia de producción de alteridad en sí misma.

Palabras clave: Universidad; Psicología; Investigación; Extensión; Enseñanza.

É sobre as articulações entre universidade e sociedade que pretende versar este trabalho, colocando no centro da questão a possibilidade de uma espécie de “prática de extensão invertida” (entenda-se aqui a extensão em seu sentido indissociável da pesquisa e do ensino no âmbito universitário). Se a extensão surge como uma possibilidade de alteridade sobre a cidade, é da alteridade que a cidade opera sobre a universidade que queremos tratar, especialmente no que concerne à formação e pesquisa em saúde mental, e particularmente na psicologia. Para tanto, tomamos como ponto de partida uma experiência em que a prática de pesquisa, extensão e está-

gio, vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mostra a potência da relação da universidade com o seu *fora*, atravessando o texto com trechos de relatos que compõem a dissertação “Potência Mental no ar... Exercícios de esquizo-radiofonia” (Streppel, 2011), adaptados às discussões em foco. Tais relações – entre a universidade e seu *fora* –, se não conduzem à derubada dos muros da academia, permitem ao menos esburacar esses muros – um esburacamento através do qual a realidade invade suas classes e, vice-versa, o saber acadêmico mistura-se aos saberes da vida (Palombini, 2004).

Como alertam Andrade, Longo e Passos (2000), é a autonomia das conversações acadêmico-científicas geradas na universidade que garantem justamente a sua relevância social. A universidade deve manter laços com os movimentos da sociedade, mas só cumpre sua função sustentando o dissenso, numa não-relação com respeito ao que os autores denominam “code-riva histórica”, garantindo que a universidade exerça “a novidade de criar novidade. A competência de produzir competência” (Andrade et al. 2000, p.11; Andrade, Silva, Longo, & Passos, 2002).

1 Coletivo de Rádio Potência Mental

A experiência à qual nos reportaremos delinea, antes que um projeto universitário, um coletivo que se quis independente, formado por acadêmicos de psicologia – algumas vezes também de comunicação e de ciências sociais – e não acadêmicos. Eram diagnosticados e não diagnosticados, implicados na produção de um programa radiofônico quinzenal na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, intencionando inserir-se, e à loucura, no mundo da cultura, da comunicação e da vida da cidade. Diagnosticados é o termo que pegamos de empréstimo da *Asociación Socio-Cultural Radio Nikosia*, de Barcelona, Espanha,

para chamar às pessoas que participavam do Coletivo de Rádio tendo se conectado a ele pela condição de usuárias de serviços de saúde mental – não nos convém, nesse caso, pensar o diagnóstico, apenas atentar para o estatuto de diagnosticado que remete a um histórico de inserção no universo da nosologia psiquiátrica e/ou da saúde mental.

Reunindo-se semanalmente no bar do Instituto de Psicologia, o Coletivo teve como um de seus maiores frutos a relação singular e múltipla estabelecida entre as pessoas e as forças que circulavam neste que, justamente por isso, fazia-se um autêntico coletivo sob pressupostos guattarianos: multiplicidade de afetos para além e aquém dos sujeitos (Guattari, 1992).

A galinha de brinquedo da Sô, transformada em “mascote” do Coletivo, berrando; gente filmando; gente falando disso aqui; outros falando daquilo acolá; alguns sentados mais longe para uma conversa particular; e eu ali, olhando para todos os lados, tentando captar algum fio condutor que me orientasse. Dali a pouco alguém diz: “então, qual vai ser o tema do próximo programa, afinal?”. (...) Embora, confesso, eu não lembre como, o tema é escolhido: gravidez na adolescência. Alguém pergunta: “Tá, e o que é que nós vamos falar sobre isso?”. Ninguém responde. Quase sinto vontade de sintonizar o Coletivo como se fosse um aparelho de rádio, mas logo esqueço quando ouço uma voz: “Bate essa

foto pra nós?”. (...) De repente o assunto do próximo programa já nem é mais importante, “Ah, na hora vem”, eu penso, enquanto tiro fotos e aperto a galinha, para ela gritar.

Com isso, lembro de outra reunião, onde se voltou a pensar em deixar o bar e encontrarmos numa sala de aula, para nos “ouvirmos melhor”. Uns defendem que está difícil nos ouvirmos no ambiente do bar. “Vocês estão conseguindo ouvir o que os outros falam? Eu não”; fiquei até com medo de dizer qualquer coisa. Há um silêncio geral. Pouco a pouco, algumas respostas tímidas vão aparecendo, sussurros de que o bar tinha a ver com habitar a cidade, que o bar deixa-nos à mostra, e o José fala, em alto e bom som: “A informalidade é a característica do nosso Coletivo. Eu acho que temos que continuar no bar, é agradável o ambiente aqui”. Essa voz todos ouvem, e outras vozes se fortalecem para se oporem ao fechamento em uma sala. As vozes não querem nem fazer um teste. Elas não querem ressoar nas paredes e soar em círculo, querem, tal qual a fumaça do cigarro do Valdir, se misturar ao vento, incomodar quem não concorda com elas, ressoar indefinidamente. E as vozes que queriam a sala de aula se calam. Quando eu dizia que a surpresa não está sob nosso controle porque acontece ou deixa de acontecer ao gosto do vento, era desse vento que eu falava, o vento que leva a fumaça do cigarro do Valdir e as nossas vozes para onde quer que seja.

Tanto é assim que, talvez por coincidência, talvez não, depois que a reunião acaba (essa que foi outra reunião marcada por vozes

ansiosas por organização de pauta, de compromissos e de atitudes) é que ela produz alegria. Depois que termina, a reunião se enche de risos, de tonalidades e volumes diferentes de voz. Depois que termina é que poderia ter começado, se não tivesse acabado. Talvez devêssemos todos chegar depois que a reunião terminasse (Anotações de Diário de Campo).

Embora o Coletivo tenha se pretendido independente, vinculava-se ao apoio do Instituto de Psicologia da UFRGS, como projeto de extensão e campo de estágio, sendo coordenado por uma das autoras e tendo sido o campo sob o qual se assentou a dissertação de mestrado da outra, orientada pela primeira.

2 Uma reunião extraordinária e um estopim para a escrita

Havíamos sido contemplados pelo Prêmio Cultural Loucos pela Diversidade¹, e uma reunião extraordinária teve, então, de ser marcada. O que fazer com tanto dinheiro? Estava se atualizando um problema que já vinha de mais tempo. O fomento da Prorext² já havia instaurado uma necessidade financeira que até existia, mas não era tão proeminente antes do fomento existir. Parecia que, se o fomento acabasse, o Coletivo acabava junto.

Por isso mesmo, uma parte do Coletivo (na maioria, acadêmicos), a qual nos incluía, defendia a importância de se guardar o prêmio para fazer os reembolsos do lanche e transporte quando faltassem fomentos. Por outro lado, forjando uma disputa dual que pareceu muito mais complexa que isso, outra parte (na maioria, não-acadêmicos) não queria guardar nada, mas dividir todo o valor entre os participantes para que gastassem como quisessem. Afinal, era um prêmio, uma *recompensa* pelo trabalho realizado. Mas, e se cada um gastasse como quisesse e o Coletivo acabasse... acabando? Os acadêmicos prezavam pelo dinheiro e pelo Coletivo, mas também *precisavam* do Coletivo; os não-acadêmicos prezavam pelo Coletivo e pelo dinheiro, mas também *precisavam* do dinheiro, ainda que, como tudo no Potência Mental, isso não fosse uma regra invariável.

Bom, mas naquela reunião extraordinária, o Ricardo (que recebeu bolsa de extensão por dois anos) defendia a opção “acadêmica” de que ninguém ali era funcionário da Rádio, todos éramos voluntários e o que nos unia não poderia ser o dinheiro (sob risco de deixá-lo corromper o Coletivo), mas a amizade. Já o José interpelou a fala do Ricardo para dizer que ele, José, não era, por sua vez, voluntário, mas

um participante da Rádio, o que era muito diferente.

Tratava-se do estopim de uma velha tensão: qual a relação de cada um de nós com a Rádio? O que quer dizer ser voluntário, participante ou amigo? O que quer dizer ser estagiário, ser pesquisadora, ser extensionista, ser coordenadora? E ser diagnosticado?

Embora gostássemos de defender que o que nos unia era mesmo a amizade, o mais puro “laço sem interesses”, e que eramos todos participantes antes de sermos acadêmicos e diagnosticados, ainda éramos bolsistas de extensão, pesquisadores, estagiários e diagnosticados. Se parecia duro dizer que sem a Universidade nossa amizade não seria possível, que ao menos considerássemos que não era uma amizade entre vizinhos ou camaradas. Era uma amizade que se sustentava na diferença entre acadêmicos e não-acadêmicos, e, se não quiséssemos dizer dependente, que disséssemos ao menos que era possibilitada ou disparada por iniciativas de extensão da universidade em direção à sociedade.

3 Lugar de alteridade

Se dissemos que o Coletivo de Rádio Potência Mental pretendia-se independente, é porque tinha uma maneira própria de se relacionar com a Universidade. Co-

mo um jovem embaraçado entre sua própria infância e dependência e sua autonomia adulta, o Coletivo habitava a fenda da vinculação a uma universidade da qual era livre. Mas, ao contrário da direção imposta ao jovem, ele não se pretendia independente como um objetivo final a alcançar, mas como um objetivo-meio pelo qual justamente se vinculava à Universidade. Este era seu modo de vida, sua maneira de existir, vinculado à Universidade. Talvez tivesse aprendido com ela que ser autônomo é condição para se relacionar, e vice-versa.

A parceria entre acadêmicos e não-acadêmicos começou com uma iniciativa de residentes em Saúde Mental Coletiva para, desde a Universidade, reunir usuários de serviços de saúde da região metropolitana de Porto Alegre, fazendo atenção psicossocial com a produção de um programa de rádio³. Mais tarde a experiência tornou-se uma ação de extensão ligada ao Instituto de Psicologia da UFRGS e foi, pouco a pouco, desinvestindo o universo da atenção psicossocial para, cada vez mais, entrar no jogo da comunicação e da cultura.

A ação do Coletivo passou, então, a vir descrita no Catálogo de Ações da Extensão da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS sob a modalidade de “Prestação de serviços: ação social e comunitária” na área da saúde, com os seguintes objetivos: “Através da Rádio, engajar estudantes,

trabalhadores e usuários de saúde mental num projeto de comunicação com a cidade, voltado à ressignificação das concepções sobre loucura prevalentes na sociedade, desconstruindo estigmas e processos de exclusão” (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010).

Se, por um lado, a ação estava registrada como prestação de serviços à comunidade que se supunha ser aquela que ia se valer dos benefícios da desconstrução de estigmas, ou seja, os usuários dos serviços de saúde mental, por outro, tratava-se de um “projeto de comunicação com a cidade” que, para isso, valia-se de “estudantes, trabalhadores e usuários”, ou seja, o Coletivo de Rádio em questão. O Coletivo, portanto, não era sempre a população-alvo da extensão, ou a ponta da “sociedade” que constituía o *fora* que se relacionava com a universidade. Antes, era um meio de afetar a sociedade com aquilo que, no entanto, também já não era mais universidade. Tratava-se de um entre, um híbrido.

O Valdir, preocupado com algumas dificuldades financeiras que vivíamos (fim do Proext 2009⁴), me diz que “a UFRGS e os doutores” têm que entender que “eles precisam de nós”, então a bolsa não pode acabar. Ele havia escrito uma carta para a Analice, dizendo que não pode ficar sem esse auxílio financeiro porque precisa manter as coisas que conquistou com o dinheiro

recebido, como os seis relógios novos que precisam de cuidados e pilhas e a bicicleta nova que precisa de consertos.

Sinceramente não sei a quem ele se refere quando diz *nós*, se é aos não-acadêmicos ou ao Coletivo todo, mas a crítica à UFRGS me serviu como um chapéu, porque, afinal, se o Valdir, o Amandio, o José e todos os demais não-acadêmicos saíssem do Coletivo, como eu faria a dissertação? Que prepotência seria achar que os "usuários" precisam de "nós", acadêmicos. Assim como o Valdir, cada vez tenho mais convicção de que somos "nós", acadêmicos, que precisamos "deles".

Mas, antes, qual a medida da separação ou da união entre "*nós e eles*"? Afinal, para continuar pensando na dissertação, na condição de parte do Coletivo, tanto acadêmicos quanto não-acadêmicos são seus sujeitos/objetos, seu método, seus coautores. Tal como eu.

Já dizia o José, num dos programas, que se tratava de um "programa informal feito por amadores: poetas amadores, psicólogos amadores e loucos amadores, tem de tudo aqui". De toda forma, o Valdir disse que eu não tinha nada a ver com a crítica à "UFRGS" e aos "doutores". Fiquei aliviada e desconfiada. Será mesmo?

Bom, considerando que, pela via da pesquisa, encarno a UFRGS e também o *nós* de quem a UFRGS depende, acho que não tenho nada a ver e tenho tudo a ver (Anotações de Diário de Campo).

Assim como a universidade precisa ser autônoma para afirmar sua relevância, enquanto parte da sociedade que gera em

seu seio o *fora* da mesma (que, por sua vez, também é o *fora* da universidade, sem, no entanto, reduzirem-se a exterioridades excludentes), o Coletivo também era e precisava ser autônomo para que garantisse o acontecimento da ação de extensão, tanto no que se referia à cidade sobre a qual queria intervir quanto à universidade que sustentava institucionalmente tal ação porque dependia dela, como uma injeção de vida por excelência, para a manutenção da sua própria coderiva com a sociedade.

4 Alteridade de si

O próprio Plano Nacional de Extensão Universitária (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2010) propõe uma extensão que "não se coloca apenas como uma atividade acadêmica, mas como uma concepção de universidade cidadã" (p.5), "em que a relação com a população [...] [passa] a ser encarada como a oxigenação necessária à vida acadêmica" e vice-versa, já que "viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade" (p.2). Assim, essa inter-relação faz justamente, do jogo da irreciprocidade e da coderiva, sua maior potência.

O Poeta e suas loucuras (como quer ser chamado) insiste em dizer que tem pro-

blemas (“mentais”), mas o legal (e intrigante) é que ele não se deixa ser o único com problemas. Vive repetindo: “Fernanda, sabe qual é o teu problema?”, mas é sempre uma pergunta retórica. Meus dois maiores problemas parecem ser guardar muito medo e muito segredo.

Pois o Poeta chegou no Coletivo e mexeu muito comigo. Ele sempre fala de como se sente bem e acolhido entre nós, mas eu não me senti tão bem com ele sempre, especialmente porque ele tinha um certo dom de tocar nas feridas erradas – ou certas. Ele foi para mim uma grande provocação. Colocou as cartas na mesa e fui forçada a jogar. Senti-me impelida a compartilhar minha história e minhas estórias e a brigar pelos meus medos e mistérios. Senti-me forçada a encarar minha vida e minha postura no Coletivo de um certo ângulo desde o qual ainda não as havia contemplado. Tal como a rolha de uma garrafa de champã, depois de tirar algumas coisas do lugar, elas não voltam a ser como eram.

Há uma concepção de psicologia que se defenderia disso numa neutra e estéril posição de dizer *aham*, balançando suavemente a cabeça. Mas isso não era mais possível, agora os problemas eram meus, e a interpretação, do Poeta.

Já vi o José demandar o que poderíamos chamar de “atitude profissional” dos psicólogos ao mesmo tempo em que parece combater qualquer institucionalização das relações. O Felipe reclama do autoritarismo dos mesmos, enquanto o Marcelo (estudante de psicologia) pede ajuda espiritual ao Valdir num momento turbulento, e o Poeta e suas loucuras diagnostica os pro-

blemas dos psicólogos. Haveria alguma base sólida sobre a qual escorar um ser acadêmico-psicólogo no Coletivo? Não estará o próprio Coletivo a cada momento construindo essas bases como lhe convém? (Anotações de Diário de Campo).

Apesar de não atuar como estagiária nem extensionista de psicologia, o estatuto de pesquisadora das autoras não invalida o de psicóloga, e é por isso que a mesma se inclui nessa perspectiva. Fica visível, aqui, o choque que certa concepção de psicologia sofre, quando em contato com os outros fundados na relação. Nem sempre isso é tão manifesto quanto virtualmente sensível, o que de modo algum invalida a questão. Eis aí a potência da incongruência. Andrade e Silva (2002) atentam que se trata de investir numa “aceitação do outro, enquanto legítimo outro, na relação, como sujeito do conhecimento e não objeto da filantropia ou assistência” (p.6). Bemvenuti (2006) acrescenta que a extensão deve ser avaliada pelo diálogo que propicia.

Mas qual seria o estatuto desse “outro”? O que seria de uma ação de extensão onde os participantes não conseguem “sempre afirmar suas respectivas *identidades* na construção da alteridade” como prezam Andrade e Silva (2002, p.3, grifo nosso)?

O que pode parecer apenas teimosia diante do termo ‘identidade’ também pode ser reflexo da experiência da Rádio, que nos ensinou a duvidar de uma alteridade fincada nessa idéia de identidade. Afinal, se a questão do diálogo que se pretende para a extensão se assenta justamente na afetação, e a afetação pressupõe encontro e intervenção do outro, trata-se de constituir-se nesse *entre* que a relação de si para consigo estabelece com a governamentalidade e as relações de poder (Foucault, 2004b; 2006).

Além disso, é só na via da virtualidade que os afectos se validam, não no embate de crostas identitárias de acadêmicos e não-acadêmicos, como nos diz Kastrup (Passos & Kastrup, 2012). A alteridade a que temos conseguido aceder é, para além da alteridade diante do outro, a alteridade de si e de *outrem* como modo de experimentar, a desvinculação à própria idéia de identidade que põe em seu lugar um si mesmo tão móvel quanto a intensidade das relações que estabelece com a radical alteridade dos outros, experienciada na forma do *outrem*.

Trata-se de abrir mão das identidades que produzem relações horizontais e verticais entre diagnosticados e acadêmicos entre si e com os outros, respectivamente, e vergar na direção de uma transversalização das relações (Guattari, 1987),

experienciando uma lateralidade que coloca lado a lado os diferentes, agora desidentificados (Passos, 2012; Passos & Kastrup, 2012). A potência dessa extensão é justamente a incongruência que revitaliza tanto a cidade como a universidade e o próprio Coletivo que se presta de ferramenta a ela, levantando a questão do quanto e de como o *fora* passa a compor o dentro.

5 Pesquisa-intensão

O Coletivo Potência Mental se configurou como sujeito, objeto e método da pesquisa de mestrado, mas, na mesma medida em que se confundia com a dissertação, dela era radicalmente separado: não necessariamente lhe interessava saber como se faz uma cartografia; nem sempre lhe convinha pensar com conceitos; os participantes não exatamente concordavam com tudo o que a dissertação discutia; e, especialmente, não lhes era imperativo escrever e fazer relações sistematizadas entre os acontecimentos da Rádio. O Coletivo separava-se da pesquisa na mesma medida em que a dissertação tentava acompanhá-lo pela via da academia, refreando e, ao mesmo tempo, excedendo a vida que circulava ali. Vida que viajava com o vento, na companhia das ondas radiofônicas que carregavam as vozes do Potência Mental e, ainda

que pudesse se articular com, não se rendia a nenhuma possibilidade de textualização.

Ao mesmo tempo em que quem escreveu o texto foi um eu atravessado pelo coletivo da Rádio, ainda foi um eu: um nó específico que teceu e foi parte da rede, mas não poderia deixar de ser um nó pontual. Assim, habitou-se o paradoxo de um Coletivo que participa e não participa na escrita efetiva da pesquisa. A escrita daquelas linhas não foi precisamente uma ação do Coletivo, mas, quando se contava, no corpo da dissertação, sobre como uma conversa com o Felipe foi importante para “decifrar” os movimentos desse mesmo Coletivo diante da necessidade de escrever a dissertação, ou quando uma visita à casa do Valdir, um passeio com o José ou uma conversa com o Poeta acabavam saltando da vida para comporem o texto acadêmico, lá estavam eles, acadêmicos e não-acadêmicos e, especialmente, o *Coletivo* que nos forma e formamos, decidindo os rumos do tal texto acadêmico.

Se a pesquisa pode honrar a extensão, é à medida que, antes de “conhecer para transformar”, com ela possa “transformar para conhecer” (Coimbra apud Rocha & Aguiar, 2003, p.67), encarnando a fundo a perspectiva da pesquisa-intervenção ao passo em que coloca a implicação e a produção de diferenciação mútua (inclusive e, especialmente, da pes-

quisa) no centro da análise (Kastrup, 2008; Paulon, 2005). “O que muda? Quem muda? Muda quem?” são perguntas que se impõem (Passos, 2012).

Mesmo assim, o Coletivo de Rádio teve certa dificuldade em fincar-se na estrutura da universidade. Não foi possível, por exemplo, veicular programas produzidos pelo Coletivo na própria Rádio da Universidade, nem o Coletivo teve, necessária e exatamente, participação na “troca de saberes *sistematizados*, acadêmico e popular” (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2010, s/p, grifo nosso) ou na definição *sistemática* de projetos de pesquisa ou de linhas de ensino nos departamentos da universidade, como defendem alguns (por exemplo: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2010; Guimarães, 2002; Santos, 2005), em prol de uma institucionalização da extensão que intervenha na estrutura da universidade. No entanto, talvez seja o caso da ação de um *fora* que não se rende ao dentro, que não se torna o dentro sem manter as especificidades que fazem dele o justo *fora*. Um *fora* que só se internaliza à medida que, do lado de dentro, provoque aquele dissenso necessário à cederiva e à reinvenção da universidade, da cidade, da própria ação de extensão. Talvez se trate de uma possibilidade de virtualização ou de inten-

sificação que se sustente justamente na não-institucionalização. Parece ser mais que extensão: “intensão”. Mais do que intenção de trazer o fora para dentro, mas “(in)intensão” de virtualidades no próprio dentro pela via do *fora*. Tensão interna disparada pelo *fora*. Seria, assim, “pesquisa-intensão” um outro nome para a radicalização operada pela pesquisa-intervenção? Seria a pesquisa-intensão a maneira de honrar a extensão, transformando(-nos) para conhecer?

6 Outras vozes, outras escutas

Mas não se trata apenas de pesquisa. A atual proposta de extensão universitária também “discute [...] e aprofunda [...] um novo conceito de sala de aula” (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2010, p.3) de igual maneira intensiva.

Um episódio foi especialmente marcante neste sentido. Diante da necessidade de fazer um trabalho de avaliação psicológica como tarefa de uma disciplina de psicologia, um estagiário e extensionista contava com revolta que uma professora explicitamente vetara-lhe fazer o teste com um dos participantes da Rádio que, naquele então, passava por uma crise, e ao qual a dita professora referira-se de forma estigmatizante.

Também o Marcelo, quando levou o Valdir em casa para ler búzios diante do enfrentamento de problemas familiares, como citamos, foi alertado por sua supervisora acadêmica de que aquela não teria sido uma atitude profissional nem acadêmica digna de um estagiário. Mesmo sob argumento de que, na relação daquele momento, Marcelo não estivesse revestido de estagiário, aos olhos da supervisão acadêmica, a ação apresentava-se condenável.

Interessa-nos pensar nesses eventos e em tantos outros, com seu potencial de desestabilização de um saber institucionalizado que se refere ao universo da formação profissional e acadêmica. O que se vê confrontada com a experiência do Potência Mental é uma determinada maneira de ser psicólogo(a) e também uma determinada maneira de ensinar e, especialmente, aprender e fazer dentro da universidade.

Quais seriam os critérios de inclusão e exclusão de sujeitos aptos a servirem de modelo na feitura de trabalhos escolares? Uma crise torna um sujeito ilegítimo ao estudo da psicometria? Por quê? Aliás, além de um participante da Rádio “diagnosticado”, tratava-se de um ex-estudante de psicologia, de outra universidade. O que isso diz da psicologia e da academia? O que motiva a manutenção de um relacionamento unilateral entre estagiários e diagnosticados? Esses foram alguns dos incô-

modos que as referidas passagens puderam provocar nos estagiários e em todos nós, além de guardarem o potencial de espalhar-se lentamente, contaminando as salas de aula com uma vida virulenta que ataca a estrutura das disciplinas escolares, emaranhando psicologia social e psicometria, comunicação e psicopatologia, psicanálise e arte e até esoterismo e psicologia social, à moda transdisciplinar que é mote da extensão (Bemvenuti, 2006; Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2010; entre outros).

Mas a Rádio também é filha da universidade (que é, por sua vez, uma de suas mães), assim como os estagiários, as professoras, as atitudes institucionalizantes que certamente também operamos e ainda as problematizações que nascem desse encontro com a cidade. Isso porque a Rádio é dentro e é fora; um dentro da universidade que está fora e um fora que está dentro. Mais do que extensão, é intensão também na sua relação com o ensino. Pois, se a concepção de universidade que se pretende hoje está visceralmente ligada à extensão, também é porque ela configura “o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável” (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2010, p.2, grifo nosso). Não é sem motivo que as categorias de extensio-

nista, estagiário, pesquisador e mesmo participante se confundiam no Coletivo, junto com tantas outras. Não há aprendizado de outras formas de ser psicólogo ou comunicador, ou ainda outras formas de ser louco, desacompanhado dos novos/outros conhecimentos geridos no seio das improvisações do Potência Mental; nem pesquisa que se faça independente da prática de um outro estágio, tal como a dissertação produzida se contagiou com a prática de outra psicologia e outra academia no encontro com os diagnosticados.

Assim como o Valdir, não era a primeira vez que o José nos convidava a visitá-lo. Fomos o Marcelo, o Trovador Gaudério e eu. Com o José, enchamos sua casa de risadas, conversas, fotografias feitas, fotografias antigas apreciadas, e também até troca de presentes (seria mesmo só de presentes?). Atualiza-se, assim, uma questão antiga: estaríamos trabalhando e pesquisando ou passeando e visitando um amigo? Não poderia ser duas coisas? Quem disse que elas têm de se separar? Aliás, não imaginei que este fato comporia tão diretamente a dissertação, e aqui está. Na caminhada de volta, uma intranquilidade. O José (indo ao supermercado) e eu (indo para casa) discordamos quanto ao caminho a tomar. A noite se aproximava, e meu receio de afastar-me de casa chocou-se com a confiança de um morador antigo da cidade. Não houve articulação, e cada um seguiu seu caminho. Não posso dizer quanto ao caminho escolhido pelo José, mas o

meu foi recheado de dúvidas quanto ao que fiz e o que deveria ter feito. As seguintes palavras do José não saíram facilmente da minha cabeça: “Me dê um voto de confiança, Fernanda”. A minha “consciência” pesou. Foram desestabilizadas minhas condições de amiga, acadêmica e psicóloga. Afinal, sou psicóloga e não fui capaz de dar um voto de confiança a um “diagnosticado”. Não há maneira honesta de chamá-lo agora, qualquer termo possível para marcar nossa diferença não faz jus à nossa amizade. Pois não estávamos caminhando pela cidade na condição dessa diferença, caminhávamos na condição de amigos. Mas amigos com uma peculiaridade: amigos pela via do Potência Mental. Afinal, qual é minha condição no Potência Mental? O que isso diz da nossa amizade? O que isso diz da minha maneira de ser acadêmica-psicóloga? Coexistem em mim, neste momento, uma “consciência” intranquila e um prazer em desinstitucionalizar as relações (através do que não quero/não preciso ser mais – ou menos – do que amiga). Sob que bases apoia-se e/ou deve apoiar-se a minha participação no Coletivo? (Anotações de Diário de Campo)

Outra psicologia, neste caso, diz de uma quase *outrém* psicologia, uma vez que, mais do que reconstruir a psicologia ou criar uma alternativa, habita-se o espaço vazio de uma psicologia que não sabe se definir, já que nasce de uma experiência antes de qualquer nomeação ou autonomeação. A psicologia não é autônoma, assim como os psicólogos ou aspirantes a psicó-

logos não atuam com nenhum conhecimento ou técnica *a priori*, não só e exatamente porque não queiram, mas porque não conseguem. É que o Coletivo despia-nos também dos rótulos, não só aos diagnosticados. Despia-nos dos manuais de saúde mental ou psicologia. Aos poucos, foi chamando os psicólogos⁵ a consultarem os búzios do Valdir (aconteceu com uma das autoras também), foi convidando-nos a falar de nós, foi desafiando-nos a sermos analisados pelos diagnosticados, invertendo a lógica comum, foi obrigando-nos a abrir mão da neutralidade, às vezes requerida por algumas psicologias. Não conseguimos atuar com o *a priori* da psicologia dos manuais porque, antes de qualquer coisa, talvez não atuemos como psicólogos mesmo. Talvez não haja lugar para a psicologia no Coletivo, mesmo que ela ocupe lugar privilegiado, como o Valdir insiste em dizer. Antes de “mesmo que”, talvez a expressão “por isso” expresse melhor o que Kastrup (2012) afirma: a psicologia atua tanto melhor quanto não se afirma como psicologia. Quando não estamos certos de que estamos fazendo psicologia, mais ela está operando inventivamente. Não há lugar para ela, por isso ela ocupa lugar privilegiado. Ela é um espaço vazio, está tanto mais onde não está e vice-versa. A isso é que demos o nome de *intensão*.

Porém, ainda que os não acadêmicos, por vezes, nomeassem de psicologia suas falas também não acadêmicas, não eram raros os momentos em que agradeciam “aos psicólogos” pela ajuda prestada no Coletivo. Isso há de nos dizer alguma coisa. Trata-se, afinal, de um encontro, não?

Deparamo-nos com essa questão quando da submissão do projeto de pesquisa da dissertação ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS. Antes de ser aprovado, o mesmo recebeu, dentre outras, a recomendação de que “o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve[ria] ser claro e acessível para a compreensão de todos, *principalmente dos usuários do serviço de saúde mental*” (grifo nosso). De que ética se trataria aqui?

Se o mote da extensão que queremos deve ser a inserção do outro enquanto legítimo na conversação, isso implica considerar também o discurso especialista enquanto legítimo outro. Afinal, “quem de nós dois seria o outro?” como diz Blanchot (2001, p.125). Afinal, não se trata de abdicar do discurso acadêmico-psi em favor da recepção imediata dos outros discursos provenientes da cidade, tanto quanto não se trata de “lições públicas” (Bemvenuti, 2006, s/p; Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2010, s/p) e da transmissão imediata

desse discurso acadêmico-psi para a comunidade externa. Se o Coletivo foi autônomo e híbrido, é porque se relacionava com e agenciava singularmente todos os seus componentes, (in)tensionando-os mutuamente.

7 Que ética?

Pois, afinal, qual é minha condição no Potência Mental? Uma participante que, por acaso, faz uma pesquisa? Uma acadêmica que, por acaso, também é participante? Uma psicóloga que detesta psicologizar? Uma amiga cujas conversas podem acabar compondo uma dissertação de mestrado⁶? Uma pesquisadora vivendo uma experiência extra-academia? Não posso ser tudo isso? Uma artista da corda bamba, uma participante-acadêmica-amiga-psicóloga. Que riqueza embaralhar os códigos!

Porque amizade não é igualdade na identidade, mas coincidência na diferença, justaposição na distância, equidade na desigualdade e, especialmente, vice-versa: desigualdade na equidade, distância na justaposição, diferença na coincidência. Se o Potência Mental for qualquer espécie de referência, a amizade é uma relação constantemente instável, porque na separação vincula e no conforto desassossega. Faz a gente se reencontrar fora de si e identificar-se com a própria diferença e a alteridade de outrem. São gestadas, assim, pela via de novas possibilidades de encontro entre acadêmicos e diagnosticados, um universo novo de relações sem identidade nem abismo (Streppel, 2011).

Diante do impasse da definição do que, afinal, éramos na e da Rádio, “amigos” parecia sempre a maneira mais fácil de nomear a nossa condição, porque parecia livre da institucionalização ou da filantropia da universidade. Mas, afinal, o que havia de fácil na relação com o Poeta, com o José ou ainda com o Marcelo, o Felipe e o Leandro, por exemplo?

A função e a potência da amizade têm relevantes descontinuidades históricas. De igualamento político voltado ao confronto na Grécia Antiga, a amizade despotencializou-se à medida que, a partir do século XIX, o modelo da família moderna a restringiu à “irmandade”, aos amigos-irmãos, cópias de mim. (Palombini, 2007; Ortega, 1999; Deleuze & Guattari, 1992)

É com Nietzsche, Blanchot, Derrida, Foucault, Deleuze, Guattari... que a amizade retoma seu potencial de experimentação, de multiplicidade, conflito, dissenso e política, conjurando possibilidades de atualizações da estética da existência Antiga. A política e a ética se conjugam à medida que inquietar-se com o outro implica inquietar-se consigo mesmo, construindo formas de vida. (Foucault, 2006, 2004a; Ortega, 1999)

Ortega (1998) conta que, para Blanchot, “a comunidade verdadeira [...] [e a amizade] baseia[m]-se na aproximação,

numa proximidade que é ao mesmo tempo afastamento e separação. Proximidade na distância, relação com a distância simultaneamente mantida e superada” (p. 6). Trata-se de uma relação sem relação, sem anexação, mas com afetação.

Jamais prescindindo do contato, eis uma intimidade mágica que, desde dentro, exerce seu potencial externo. As condições de acadêmicos (e suas vinculações institucionais de pesquisa, extensão ou estágio e a burocracia decorrente) e diagnosticados (além, é claro, das singulares diferenças entre cada um e o outro, e dentre os acadêmicos entre si e os diagnosticados entre si) impõem uma alteridade tão radical diante do outro que abre um abismo quase intransponível, o qual só permite relacionar mantendo a distância. O papel desempenhado pela amizade passa a ser, então, novamente, a intensão do fora no dentro. Afinal, o que seria a intensão senão um tipo de amizade?

Trata-se, afinal, de construir formas de vida, de sociedade e de saberes mais livres de dominações. Com Foucault (1981), apostamos numa amizade que embaralha códigos instituídos de relacionamento, onde se imponha a necessidade de “inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade [...]” (p.2). Pois, não seria possível e preciso constituir algo como um “modo de vida”, um modo de

relacionamento da universidade com seu fora que possa “dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas”? Foucault acredita “que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética” (p.3), intrinsecamente ligada à constituição estética de si – esse si que, para nós, neste caso, corresponde à universidade.

Assim, projetado que tenha sido para prestar serviços aos diagnosticados enquanto estigma social, e, com eles, prestar serviços à cidade, o Coletivo de Rádio Potência Mental excedeu suas próprias pretensões no encontro com seu “público-alvo”. No caminho em direção à comunidade, tornava-se agenciamentos de prestação de serviços à própria Universidade também, na mesma medida em que borrava as identidades e as fronteiras entre acadêmicos e diagnosticados, universidade e cidade, um e outro saber. Mais do que isso, sustentava uma concepção ética da relação universidade-sociedade, fazendo da intensão na universidade, mais do que transmissão, alteridade de si.

8 Pós-escrito

O Coletivo de Rádio Potência Mental manteve-se vinculado à Universidade como projeto de extensão durante cinco anos, de 2008 a 2012. O encerramento des-

sa experiência – campo intensivo de relações da universidade com o seu fora – impôs-se por circunstâncias do dentro, mas também, e muito fortemente, por acontecimentos do fora.

Dentro, pesava, entre outras, a exigência de produtividade recaindo sobre o professor. Assim, à coordenadora do projeto, foi dito, por colega com mais experiência e longa carreira acadêmica, que não poderia estar por uma tarde inteira sentada à mesa do bar da universidade – local público onde as reuniões do Coletivo aconteciam –, enquanto havia artigos a escrever e publicar. Também acontecia de faltarem estudantes dispostos àquela experiência, tão exposta, de estágio. Faziam-se escassos, além disso, os recursos, tornados indispensáveis, para subsidiar as idas e vindas à Rádio e às reuniões.

Fora, padecimentos – alguns deles brutais – de uma vida sob o signo do diagnóstico psiquiátrico abateram-se sobre parte dos participantes. Um precisou seguir aos familiares em mudanças sucessivas, de cidade em cidade, até que se perderam os contatos. Outro, denunciado por vizinhos, viu-se levado ao Presídio Central, a seguir transferido ao Instituto Psiquiátrico Forense, onde, depois de um ano confinado, foi, afinal, absolvido da acusação (mas ninguém lhe ressarciu o ano de encarceramento). E um terceiro, por irresponsabilidade

criminosa de seu psiquiatra e da clínica em que se viu internado, intoxicou-se gravemente de lítio, esteve em risco de vida e hoje luta por reaprender a andar e a falar. Outros seguem, porém, compondo coletivos, em rádios da cidade, em encontros e fóruns de saúde mental, em grupos de teatro. E um desses ocupa, ainda, dia após dia, as mesmas mesas do bar, chamando prá conversa quem passa, instigando, (in)tensionando relações.

Notas

¹ Trata-se de edital lançado pelo Ministério da Cultura e Escola Nacional de Saúde Pública, visando “premiar iniciativas artísticas culturais inovadoras, com foco em fortalecer e dar visibilidade ao trabalho que vem sendo realizado por pessoas, grupos, organizações ou instituições envolvidas com aqueles que têm algum sofrimento psíquico” (Fundação Oswaldo Cruz, 2009).

² O fomento da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS é utilizado para o reembolso do valor gasto pelos não-acadêmicos com passagens de ônibus e lanche nas reuniões.

³ Trata-se do Curso de Aperfeiçoamento Especializado em Saúde Mental, em regime de Residência Multiprofissional, edição de 2004-2005, em Parceria com a Universitat Rovira i Virgili, de Barcelona, e apoio

do Núcleo EducaSaúde da Faculdade de Educação da UFRGS, com financiamento do Ministério da Saúde. Atualmente opera sob o nome de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, sob responsabilidade da UFRGS e em parceria com a rede de saúde mental de municípios da região metropolitana de Porto Alegre.

⁴ Trata-se da vigência da verba para remuneração de estagiários, do Edital Proext (Programa de Extensão Universitária da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – 2009) que contemplou o Coletivo de Rádio, em associação com outros dois projetos – *Oficinando em Rede*, de informática e produção de blogs, e *Oficina de Imagens* do Caps Cais Mental Centro, de Porto Alegre, de produção de vídeos – articulados como *Programa Rede de Oficinandos: Tecnologias de Informação e Comunicação Produzindo Inserção Social, Cuidado e Formação em Saúde Mental*. O Edital previa verba para remuneração de estagiários, o que, em acerto interno aos três projetos, resultou no pagamento, a dois não-acadêmicos e um acadêmico do Coletivo de Rádio, de valores correspondentes às bolsas de extensão concedidas pela Proext a outros dois acadêmicos participantes do Coletivo.

⁵ O chamamento se dá a todos, acadêmicos (de qualquer área) ou não. O enfoque à

psicologia se dá em função da questão sendo trabalhada aqui.

⁶ Esta não é uma questão simples nem irrelevante. Quando o corpo entra no jogo, fica difícil não pesquisar através da vida e não viver através da pesquisa. O limite é difícil de encontrar. Aqui, esperamos que esse esfumaçamento de fronteiras potencialize a discussão tanto quanto a vida enriqueceu-se em função da – e misturada à – pesquisa.

Referências

- Andrade, L. A. B., Silva, E. Longo, W., & Passos, E. (2002). Co-deriva: uma história de congruência entre universidade e sociedade. *Revista Movimento*, 6, 58-89. Recuperado em 26 maio, 2014, de <http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/98>.
- Andrade, L. A. B., Longo, W. P., & Passos, E. (2000). Autonomia: um modelo explicativo da ontologia da universidade. *Universidade e Sociedade (ANDES)*, 21, 73-84. Recuperado em 26 maio, 2014, de www.waldimir.longo.nom.br/artigos/91.doc.
- Andrade, L. A. B., & Silva, E. P. (2002). Extensão Universitária: proposição de um conceito. *Anais do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*, João Pessoa, PB, Brasil. Recuperado em 26 maio, 2014, de http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbe_u_anais/anais/institucionalizacao/extensaouniversitaria.pdf.
- Bemvenuti, V. L. S. (2006). Extensão Universitária: momentos históricos de sua institucionalização. *Vivências*, 1(2), 8-17. Recuperado em 26 maio, 2014, em http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero%20002/artigos/area_comunicacao/area_comunicacao_01.htm.
- Blanchot, M. (2001). *A conversa infinita – a palavra plural*. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34.
- Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Rede Nacional de Extensão. Recuperado em 26 maio, 2013, em <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>.
- Foucault, M. (2006) Aula de 17 de fevereiro de 1982 – primeira hora. In M. Foucault. *A hermenêutica do sujeito*

- to (pp. 301-329). São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2004a). A Escrita de Si. In M. Foucault. *Ética, sexualidade, política*. (Ditos & Escritos V, pp. 144-162). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2004b). A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In M. Foucault. *Ética, sexualidade, política*. (Ditos & Escritos V, pp. 264-287). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (1981, abril). Da amizade como modo de vida. *Jornal Gai Pied*, (25), pp. 38-39. Recuperado em 26 maio, 2014, de: portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf
- Fundação Oswaldo Cruz. (2009, maio). MinC e ENSP/Fiocruz lançam Prêmio Loucos pela Diversidade. *Informe ENSP*. Recuperado em 26 maio, 2014, de <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/materia/index.php?matid=16454&saibamais=18918>
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- _____. (1987). *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- Guimarães, A. M. M. (2002). Extensão universitária como reconfiguração de saberes. In D. Leite, & M. Morosini (Orgs.). *Universidade futurante: Produção do ensino e inovação* (2. ed., pp. 55-76). Campinas: Papirus.
- Kastrup, V. (2012). Fazendo psicologia no campo da saúde mental: as oficinas de tecnologia e tecnologias sociais. In A. L. Palombini, C. Maraschin, & S. M. Rickes (Orgs.). *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental* (pp. 173-177). Porto Alegre: Sulina.
- _____. (2008). O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In L. R. Castro, & V. L. Besset (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (1, pp. 465-489). Rio de Janeiro: Nau.
- Ortega, F. (1999). *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda.
- Ortega, F. (1998). Maurice Blanchot: Pensar a comunidade. *Filósofos*, 3(1), 3-10. Recuperado em 26 maio, 2013, de <http://www.revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/viewFile/10987/7262>

- Palombini, A. L. (2007). *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- _____. (2004). Formação profissional e construção de conhecimento em interação com a comunidade: supervisão na Universidade. In: C. A. T. Nascimento, G. D. R. Lazzarotto, J. C. Hoenisch, M. C. C. Silva, & R. L. Matos (Orgs.). *Psicologia e políticas públicas. Experiências em saúde pública* (pp. 73-93). Porto Alegre: CRP 7^a. Região.
- Passos, E. (2012). A oficina como tecnologia de coprodução. In A. L. Palombini, C. Maraschin, & S. M. Rickes (Orgs.). *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental* (pp. 167-172). Porto Alegre: Sulina.
- Passos, E., & Kastrup, V. (2012) Tecnologias, oficina e saúde mental: conversações. In A. L. Palombini, C. Maraschin, & S. M. Rickes (Orgs.). *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental* (pp. 193-217). Porto Alegre: Sulina.
- Paulon, S. M. (2005). A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17(3), 18-25.
- Rocha, M. L., & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(4), 64-73.
- Santos, B. S. (2005). *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. (2. ed.) São Paulo: Cortez.
- Streppel, F. F. (2011). *Potência Mental no ar: exercícios de esquizo-radiofonia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Pró-Reitoria de Extensão. Catálogo de Ações da Extensão. *Informações detalhadas da Ação de Extensão – Coletivo de Rádio Potência Mental 2010*. Porto Alegre: UFRGS. Recuperado em 26 maio, 2014, de http://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=16217

Fernanda Fontana Streppel: Psicóloga, mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, docente da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

E-mail: ffstreppel@gmail.com

Analice de Lima Palombini: Docente do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da UFRGS.

E-mail: analice.palombini@ufrgs.br

Enviado em: 30/05/2014 – **Aceito em:** 09/12/2014
